

26/27 • Brasília, segunda-feira, 8 de maio de 2006

CORREIO BRAZILIENSE

QUINTETO



Ivan Sekretarev/AP13.06



Michael Sohn/AP22.6.05



Sergey Ponomarev/AP13.06



Sílvia Izquierdo/AP17.10.05

“A casa nova tá muito boa. Só o Bombom ainda não se acostumou. Ele tá tomando água da piscina”

RONALDINHO GAÚCHO, referindo-se ao cachorro, quando se mudaram para a casa que o irmão Assis ganhou do Grêmio, no final da década de 80

“Ao Ronaldinho falta uma coisa: a impulsão de Pelé. O negrão saía do chão, sabia cabecear muito bem”

AUGUSTO BANDEIRA DE MELLO, ex-técnico de Ronaldinho no New Kids

“Eu sou o irmão do Assis”

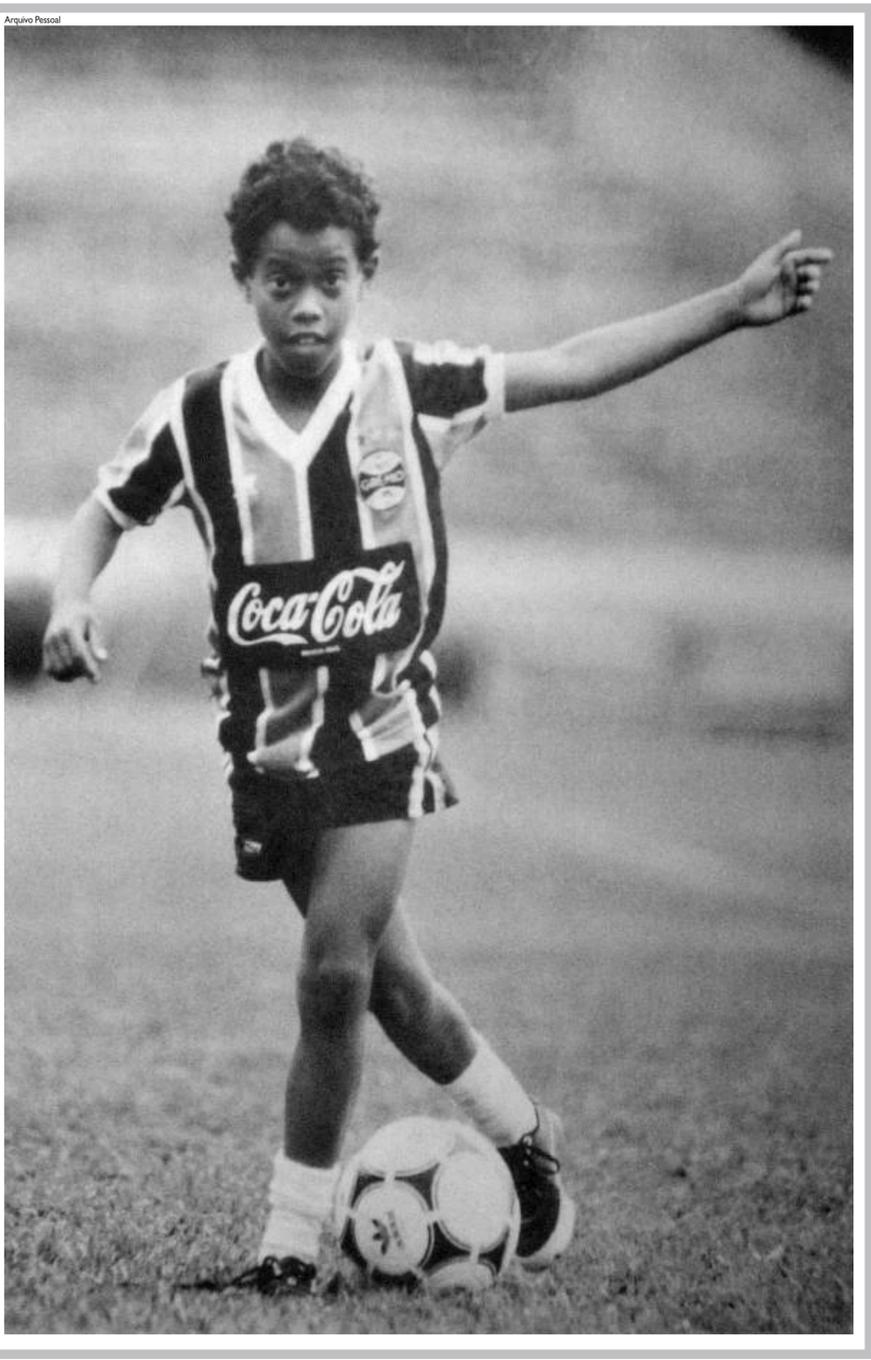
RONALDINHO GAÚCHO, com 12 anos, quando alguém perguntava quem era ele

“Era um guri magrinho, muito quieto. Vinha aqui, pegava um refrigerante, um doce e depois que comia apanhava o ônibus para ir ao Estádio Olímpico (do Grêmio)”

EDGAR SARNAGITTO, dono da mercearia em frente ao colégio Santa Tereza, onde Ronaldinho estudava

CINCO ANOS DEPOIS DA POLÊMICA TRANSFERÊNCIA PARA A EUROPA, RONALDINHO E GRÊMIO ENSAIAM REAPROXIMAÇÃO. CARINHO DA FAMÍLIA FAZ A DIFERENÇA NA VIDA DO MAIOR JOGADOR DO MUNDO

Simplesmente CRAQUE



RONALDINHO BRINCA COM A BOLA NOS TEMPOS DE INFANTE-JUVENIL DO GRÊMIO: SAÍDA POLÊMICA DO CLUBE GAÚCHO, EM 2001, AINDA NÃO FOI TOTALMENTE CICATRIZADA



A MÃE, DONA MIGUELINA, MOSTRA MANCHETES DA ESPANHA: FAMÍLIA UNIDA

JOSÉ CRUZ

ENVIADO ESPECIAL

Porto Alegre — Ironicamente, a prestigiada calçada da fama, em lugar de destaque, logo na entrada principal do Estádio Olímpico, em Porto Alegre, não tem gravados os pés do jogador mais famoso do mundo. Logo ele, o carismático Ronaldinho Gaúcho, que, aos 8 anos de idade, chegou à escolinha do Grêmio não só pelo estilo de jogo que precocemente exibia, mas pela paixão ao tricolor dos pampas, que conserva mesmo no exterior.

A conturbada saída de Ronaldinho Gaúcho do Grêmio, em janeiro de 2001, foi realizada com base na Lei Pelé (nº 9.615/98). Por sua liberação, o clube recebeu apenas 4,5 milhões de euros. A batalha judicial foi longa, mas a Corregedoria da Justiça, em Brasília, bateu o martelo: o jogador estava liberado. E lá foi ele para o Paris Saint-Germain, iniciando carreira de vitórias no futebol europeu.

A família de Ronaldinho não esconde que deseja voltar à convivência próxima com o time e a torcida. A atual direção do clube também quer isso. “Mas é preciso que ele (Ronaldinho) faça um gesto para isso. Uma parceria com um centro de formação, por exemplo”, cobra o presidente Paulo Odone. Negociações à parte, ainda há muita mágoa nesse rompimento. “A torcida se sente como se tivesse sido traída por ele. Ele foi formado aqui, mas deixou o Grêmio com uma mão na frente e outra atrás”, queixa-se.

Está claro, assim, que a reaproximação entre o tricolor gaúcho e Ronaldinho é um processo de negociação, sem prazo para terminar.



DE GUARDANAPO NAS MÃOS — “ESTOU AMARRANDO O ADVERSÁRIO” —, DONA MIGUELINA TORCE PELO BARCELONA: EMPATE COM O MILAN VALEU VAGA NA FINAL DA LIGA DOS CAMPEÕES



Tomazinho Suzzi/AP27.4.06

O IRMÃO-EMPRESÁRIO

Responsável pela vida profissional do irmão, Assis está de olho na tevê. Acompanha o segundo tempo do jogo do Barcelona com Milan (0 x 0). Do alto de uma cabine de rádio, vez por outra, desvia o olhar para o campo de futebol, onde o seu time, Porto Alegre Futebol Clube, disputa uma partida pela segunda divisão do Campeonato Gaúcho.

Falar com esse ex-craque é difícil. O assédio vem de todos os lados. Administrador dos contratos do jogador mais valorizado do futebol mundial, Assis tornou-se um empresário prestigiado em todos os continentes. Uma indicação sua é valiosíssima, o que faz aumentar a procura de jogadores de todo o estado.

“Vejo o Ronaldinho como o mesmo de sempre. Não mudou nada”, adianta, durante um bate-papo. “Isso me dá tranquilidade e torna fácil dirigir seus negócios”, confessa. “A conduta dele é exemplar. Não se deixa envolver pela fama. Isso é importante”. Assis conclui com uma frase de efeito, que parece espontânea: “Ele vale pela forma que ele é e não pela fama que carrega”.

O advogado gaúcho Tales Simonatto dos Santos, hoje com 30 anos, jogou na infância com Ronaldinho. Na primeira vez em que o viu atuar, encantou-se com os malabarismos do garoto, quatro anos mais jovem. A amizade se fortaleceu e, hoje, Tales integra a equipe de marketing do jogador do Barcelona, liderada por Assis.

Há poucos dias, a empresa de consultoria esportiva BDDO, da Alemanha, avaliou a imagem de Ronaldinho Gaúcho em espetaculares R\$ 123 milhões. Simpático, famoso e sorridente, o que esse astro do futebol anuncia vende.

Tales desconversa, como convém a um assessor de confiança de um craque que, só em 2005, faturou R\$ 60 milhões: “Não posso confirmar valores, mas garanto que é o jogador com a imagem mais valorizada na atualidade”.

São mais de 10 patrocinios fixos e outros não param de chegar. “A primeira ultrapassagem das propostas de patrocinios é feita pelo Assis. Mas, mesmo que não haja contrato, ele nunca fecha a porta”, conta Tales. “Depois dessa seleção, nos reunimos com o doutor Sérgio Neves (advogado de Ronaldinho em Porto Alegre) para discutir a proposta, até fechar tudo”.

FREGUÊS DO INTER

Formado em engenharia, o gaúcho Marcelo Bandeira de Mello era bom de bola. Por isso, estava sempre entre os titulares das equipes da Aprocergs e do New Kids, formadas por garotos de Porto Alegre, em fins dos anos 80 e início da década seguinte. Mas tinha um problema: “Eu não gostava de jogar. Meu sonho era ser reserva. Eu tinha boa técnica, mas sabia que não seria jogador”, diz esse gaúcho de 25 anos, que à época era dirigido por uma dupla de treinadores: seu pai, o médico Augusto Bandeira de Mello, e o amigo Paulo Estigarribia, o Paulinho.

Jogando ou não, Marcelo tem lembranças preciosas do tempo em que atuou ao lado do hoje maior craque do mundo, Ronaldinho Gaúcho. “Com 10 anos, ele tinha consciência tática. Impressionante! Ele criava na hora, improvisava e fazia isso sempre rindo. Já era craque, desde guri”.

Sobre o amigo famoso, sente-se orgulhoso pela carreira que faz: “Todos nós que jogávamos juntos viramos vencedores. Cada um naquilo que gostava de fazer. Eu na engenharia. Ele (Ronaldinho), no futebol. Meu irmão, Renato, está se formando em medicina”.

Renato, ao contrário, gostava de jogar futebol de salão, de campo, na areia. Aos 26 anos, recorda que aquela atividade era o único compromisso de garoto, fora os estudos. Mesmo bons de bola, perdiam: “Claro. E Ronaldinho chorava. Perder, para ele, era uma coisa horrível”, recorda Renato.

Por conta das derrotas, o craque do mundo teve um choro programado por três anos seguidos, nas categorias menores. Sempre em dezembro, quando o Grêmio disputava a final do campeonato com o arqui-rival Internacional. “Perdemos três anos seguidos. Era choro na certa. Mas, na vitória ou na derrota, eram todos em volta dele, tentando acalmá-lo. Certa vez, ele desabafou: ‘Acho que nunca vou ganhar do Inter...’”

Paulinho, atento às palavras de seu ex-jogador, completa: “Ronaldinho não é só o melhor jogador do mundo. Ele está muito acima dos melhores. O negócio é que, em garoto, ele nunca atentava para esse seu potencial. Ele simplesmente entrava em campo para fazer o que adorava: jogar futebol”.

A ÚLTIMA PALAVRA

Havia pressa na entrevista. Em 30 minutos, começaria o jogo em que o Barcelona garantiria vaga na final da Liga dos Campeões da Europa, diante do Milan (empate por 0 x 0, após vitória por 1 x 0 na semana anterior, em Milão). “Quero ser rápida, pois o jogo já vai começar”, avisou dona Miguelina Elói Assis Moreira, 54 anos, mãe de Ronaldinho Gaúcho, “menino alegre e simpático”, como dizem os jornalistas europeus.

É uma senhora baixa, de caminhar rápido — acompanhada por dois seguranças — sempre que sai à rua. Na sala principal do escritório, oito repórteres e fotógrafos de jornais brasileiros e alemães aguardam pela dama do futebol mundial.

Pôsteres bem produzidos de jornais e revistas de todo o mundo conferem decoração colorida às paredes brancas de toda a casa. Num desses jornais, referindo-se à sua saída do Grêmio, em 2001, Ronaldinho desabafou: “A diretoria do Grêmio disse muitas mentiras para me colocar contra os torcedores e me deixar mal com eles. Depois de tanto tempo, já se sabe a verdade e quem foram os bons e os maus naquela história”.

A pergunta é oportuna: “A senhora acredita que Ronaldinho ainda possa gravar os seus pés na calçada da fama, em frente ao estádio do Grêmio?”

A resposta é rápida: “Claro que sim. Por que não?”. Assis é o gerente dos negócios, mas dona Miguelina dá a última palavra em todas as decisões. “Somos uma família. Trabalhamos em conjunto. O que eles (os filhos) decidem, eu assino embaixo”, desconversa a matriarca. A estrutura familiar é importante para todos eles. “Poucas vezes posso estar reunida com todos os meus filhos (Ronaldinho, Assis e Deisy). Mas, quando isso acontece, fico feliz.”

Dona Miguelina avalia que foi no jogo com a Venezuela, em 1999, quando o filho ainda pertencia ao Grêmio, que Ronaldinho exibiu seu futebol ao mundo. “Ah! Foi naquele jogo, sim. O gol foi lindíssimo e af todos ficaram sabendo sobre ele”. O sorriso se renova, lembrando o quinto gol do Brasil.

Era a primeira apresentação de Ronaldinho pela Seleção Brasileira principal. Sua convocação pelo técnico Vanderlei Luxemburgo ocorreu depois de ele ter “acabado” com o capitão do tetra, o volante Dunga, num Gre-Nal, duas semanas antes. O Brasil já vencia a Venezuela por 4 x 0. Ronaldinho invadiu a área pela direita, deu um lençol em Rey, driblou o goleiro Rojas e bateu cruzado, com o lado de fora do pé esquerdo. Com talento impressionante, o craque se apresentava ao mundo. O gol que marcou foi mais valorizado que a goleada de 7 x 0 sobre a Venezuela.

Com o sentimento de mãe, a senhora leva fé no seu neto, Diego, filho de Assis: “Ele leva jeito, acredite. Está com 10 anos e até já treinou nos times de garotos do Barcelona”.

Começa o jogo do Barcelona com o Milan. Dona Miguelina senta-se sobre o braço de um confortável sofá. Movimenta-se para frente cada vez que o Barcelona ataca. A torcida é em silêncio e agarrada a um guardanapo branco que enrola e desenrola nas mãos, incessantemente. “Estou amarrando o adversário”, avisa, sorridente. “É um hábito antigo. Não sei torcer sem um pano na mão”. Como o jogo está 0 x 0, será que não amarrou os dois times? “Mas pelo menos não perdemos”, argumenta a mãe do craque, que, ao final do jogo, festejaria a classificação do Barcelona para a decisão da Liga dos Campeões da Europa.

CAMPO DO PERIQUITO

É uma rua estreita, de poucas calçadas e sem saída, na Zona Sul de Porto Alegre. Mas foi ali, na Marquês do Maricá, em Vila Nova, com asfalto irregular, que Ronaldinho jogava bola com os seus amigos, lá pelos 3, 4 anos de idade. Depois, foi para o campo do Periquito, perto da casa de sua tia Conceição (foto), cercado por um bosque, em tempos de muita brincadeira, mas ponto de partida de sua fenomenal carreira.

A casa de Conceição Jair de Assis, na Marquês do Maricá, é simples. Mas ela se orgulha de ali receber uma de suas 11 irmãs, Miguelina, mãe de Ronaldinho. A família se mantém unida, herança do pai, Ervino de Assis, avô de Ronaldinho.

Ervino não tinha nada de jogador de futebol. A paixão de Ronaldinho pela bola veio de seu pai, João, falecido em 1988, e do irmão, Roberto de Assis. Futebol à parte, as famílias Assis e Moreira combinaram na música e na alegria. O sorriso de todos — mãe, irmãos, tias e sobrinhos — é espontâneo, e o pagode está no sangue. Tia Conceição dá o tom: “O som está sempre ligado aqui em casa. Toda a família é assim: samba de raiz e pagode tocando o dia todo”.

De fato. Quando a reportagem do Correio chegou à sua casa, às 10h de um sábado de céu bonito, precisou esperar o intervalo entre uma faixa e outra do CD Arte Popular para que a batida na porta fosse ouvida. A recepção foi imediata, com um sorriso de boas-vindas que lembrava em muito as constantes imagens do sobrinho famoso.

Antes de se mudar para Porto Alegre, nos anos 60, “vô Ervino” morava em Santa Cruz do Sul, a duas horas da capital. A cidade, uma das principais produtoras de fumo do país, teve forte influência da colonização alemã, que adora promover festas comunitárias, as tradicionais *kolonistenfest*. Foi nessa comunidade que a família Assis Moreira juntou a gíngua da raça negra para formar um perfil característico que esbanja alegria.

A liderança de Ervino na comunidade da rua Marquês de Maricá foi tão importante que uma associação foi criada para homenageá-lo: a Servia (Sociedade Ervino de Assis). A sede ainda não foi construída, pois falta dinheiro. Mas o terreno está lá, doado por Miguelina. Enquanto isso, uma escolinha de futebol — no campo do Periquito — acolhe 100 garotos da região, com o apoio de pais voluntários.

A rua Marquês de Maricá ganhará o mundo no dia 13 de junho, quando a Seleção Brasileira estréia contra a Croácia, em Berlim. Nesse dia, a RBS TV colocará telões na rua onde Ronaldinho Gaúcho deu seu primeiro piques atrás de uma bola. “Vamos ter o baile da Copa”, conta Conceição. O cardápio lembrará a cozinha internacional: carne ao molho africano, frango à portuguesa, almôndegas e arroz. E o som? “Precisa dizer?...” Só falta o show do craque.

Conceição tem as melhores lembranças, mas discorda do sobrinho num ponto: ela torce pelo Internacional. “Nesse ponto, a família não é unânime. A família é um Gre-Nal.” E os dentes do craque, têm jeito? “Ah, aquela dentadura assim, pra frente, é porque ele chupou muito bico, mamadeira até tarde e teve problema de respiração, também. Respirava só pela boca”, explica. “Ele já tentou usar aparelho, mas, não sei por que, não usa mais”. Mas foi assim, dentuço e simpático, que ele ganhou o mundo do futebol.

FÃ DE PAGODE

Além da bola, Ronaldinho Gaúcho é conhecido por puxar rodas de samba e pagode na Seleção Brasileira. Ali, mostra outro talento de família: o gosto pela música. No início de março deste ano, ele se exibiu em Barcelona com o grupo Samba Tri, de Porto Alegre, do qual é o padrinho famoso.

Amigo dos integrantes do grupo — Rafael Marinho, Gustavo Martins, Alex Oliveira e Guto Paulista —, Ronaldinho atacou na percussão. Porém, a exibição foi anônima. Para evitar o assédio dos fãs, usou um chapéu escondendo parte de seu rosto. É o preço da fama. O jogador mais admirado do mundo perdeu a liberdade para circular livremente.

O HERDEIRO

Um dos dos pôsteres que decora o escritório de Assis, em Porto Alegre, é do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). Nele, Ronaldinho está abraçado a duas crianças, com a seguinte mensagem, em espanhol: “Todos los niños e niñas han de tener los mismos derechos sin distinción de sexo, color, religión o condición económica”.

A afinidade com crianças, entre eles o sobrinho Diego — filho de Assis —, se repete no carinho que sente pelo filho, João, fruto de um relacionamento com Janaína Mendes, ex-dançarina do *Domingão do Faustão*. A mãe e a criança, de 1 ano e 2 meses, moram no Rio de Janeiro. “Ronaldinho está sempre ligado, querendo saber sobre o guri”, garante a prima Bárbara Elisângela, secretária do escritório de Assis, respondendo sobre um assunto que a família evita detalhar.

A PROFESSORINHA



No Colégio Santa Tereza de Jesus, onde estudou na infância, Ronaldinho deixou saudades. Na quarta série, foi aluno da professora Simone Louzeiro da Silva (foto), que se lembra bem dos problemas que o guri sem querer criava: “Na hora de formar os times, todos queriam ficar do lado dele. E, depois, quem seria o goleiro do time adversário? Ninguém se candidatava”.

No aprendizado, Ronaldinho não se destacava, mesmo. E depois que se encaminhou para o profissionalismo, ficou mais difícil, sendo preciso terminar o ensino médio no Supletivo. “Mas, como criança, era amigo, companheiro, dócil”, derrete-se Simone.

LEIA NO PRÓXIMO DOMINGO A HISTÓRIA DO IMPERADOR ADRIANO